



História Global para uma cidadania global¹

Autor: Patrick O'Brien².

Tradução: José Fernando Saroba Monteiro³.

Tradução Recebida em: 15/10/2018

Tradução Aceita em: 20/11/2019

1 UM PREFÁCIO AUTOBIOGRÁFICO

Antes de eu falar da História Global que poderia apoiar uma consciência mundial necessária para a “cidadania global” e porque a autobiografia adquiriu cunho durante este (agora moribundo) debate com os pós-modernistas sobre “verdade” e “desprendimento pessoal”, permitam a “indulgência” de me referir a minha própria formação intelectual só para informar os leitores de como eu vim a ser o que sou, tardiamente, na tentativa de reconfigurar minha identidade acadêmica pela leitura, ensino e escrita de um gênero chamado História Global⁴.

Minhas referências e publicações são em grande parte nas áreas da História Econômica, britânica e europeia. Mas em 1960 eu tive o meu primeiro trabalho acadêmico na Escola de Estudos Orientais e Africanos para desenvolver a especialidade na área de Oriente Médio. Com dificuldade, eu aprendi a ler árabe, mas tão lentamente que dez anos depois eu decidi voltar para Oxford para um posto na História Econômica europeia.

Na década de 1970, havia somente três historiadores econômicos na faculdade: Peter Mathias, Joan Thirsk e eu. Apenas quatro décadas atrás os departamentos de história na Grã-Bretanha contavam principalmente com pesquisadores que trabalhavam em seus próprios países, complementados por uma minoria isolada responsável pelo ensino de graduação e supervisão de pós-graduação em um mundo alienígena – que naqueles dias incluía o continente europeu, bem como o império descolonizado do reino. Então, por cerca de vinte

¹ Título original: *Global History for Global Citizenship*. Agradecemos a Patrick O'Brien a permissão para a tradução de seu artigo. Ressaltamos que são encontradas três versões deste texto, com algumas diferenças, e mais uma versão adaptada, sendo que aqui procuramos contemplar informações de todos os textos (ver: Referências Bibliográficas, ao final do artigo) bem como fazer algumas correções e indicações de obras já traduzidas para o português.

² Professor Centenário de História Econômica da Escola de Economia de Londres (*London School of Economics*), Reino Unido.

³ Doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com estágio sanduíche na Universidade de Lisboa (ULisboa), bolsa FAPERJ. e-mail: jfmonteiro2@hotmail.com.

⁴ JENKINS, K. (ed.). *The Postmodern History Reader*. London: Routledge, 1997.



anos eu cobri a História Econômica em sentido lato, de qualquer e em todos os lugares *exceto* o Reino Unido. Eu li capítulos de teses relacionados a muitos lugares que dificilmente eu poderia localizar nos mapas e menos ainda compreender suas histórias e culturas.

Em 1990, eu me mudei para Londres como diretor do Instituto de Pesquisa Histórica e para o divertimento de meus colegas, convoquei o instituto para o primeiro seminário em História Global⁵. Previsivelmente, o seminário começou e continuou discutindo, seguidamente, uma pequena lista de livros famosos localizáveis neste novo campo. Wittfogel, McNeill, Braudel, Hodgson, Wallerstein, Gellner, Jones, Hall e Mann estavam entre as publicações. Landes, Frank, Goody, Bin Wong e Pomeranz logo publicaram suas controversas teses comparando a Europa e a Ásia⁶.

Pouco depois de minha aposentadoria como diretor eu fui convidado a retornar para a Escola de Economia de Londres (onde eu havia feito a graduação no final da década de 1950) para ajudar o Departamento de História Econômica a organizar o primeiro mestrado sobre este tema no reino.

O curso foi anunciado como História Global, mas (como você pode esperar de um grupo de historiadores econômicos) com referências que cobrem a Europa, as Américas, África, China, Índia e Japão, é, com efeito, um programa integrado focado na remota história da “vida material”. O plano de estudos foi projetado para estudantes de pós-graduação estudarem o que é (talvez) o mega problema de seu tempo: nomeadamente, quando e porque algumas sociedades (localizadas em grande parte no Oeste e Norte do nosso mundo moderno) tornaram-se e mantêm-se ricas, enquanto a maioria das sete bilhões de pessoas do mundo que residem em países (para o Leste e do Sul) ainda estão pobres⁷. Demarcado em seus componentes, o curso leva a bordo uma série de temas que sustentam metanarrativas em histórias do mundo focadas no meio ambiente, Estados, geopolíticas, religiões, culturas, gêneros, doenças, etc.⁸. No entanto, a educação oferecida é “concebida” pela preocupação com as mudanças econômicas e nossas bibliografias são baseadas em escritos de historiadores

⁵ Assumido, quando me aposentei como diretor, por Felipe Fernandez-Armesto, que mais tarde mudou-se para a Universidade de Tufts.

⁶ Referências literárias (artigos e livros) são incluídos em uma abrangente bibliografia compilada em: MANNING, P. *Navigating World History: Historians Create a Global Past*. New York: Palgrave Macmillan, 2003, atualizada por dois grandes jornais da área *The Journal of World History*. Honolulu: University of Hawaii Press e *Journal of Global History*. Cambridge: Cambridge University Press.

⁷ COLLIER, P. *The Bottom Billion: Why the Poorest Countries are Failing and What Can be Done About It?*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

⁸ Escola de Economia de Londres, Departamento de História Econômica, Mestrado em História Global. Notas dos estudantes (publicado anualmente).



e cientistas sociais que enfrentam a grande preocupação de Adam Smith com a *Riqueza e a Pobreza das Nações*⁹.

Sem surpresa, o projeto de um curso inovador trouxe à mesa todo o problema de quanto os “historiadores profissionais” (obcecados, como a maioria de nós somos, pela erudição, detalhes e arquivos) sabiam ler, ensinar, escrever e empreender pesquisa em uma escala global – não confinada pelo espaço e pelo tempo. Em resumo, isto poderia ser inevitavelmente relevante, cada vez mais em voga e – como eu vou sustentar – um moralmente significativo e politicamente necessário esforço acadêmico a ser realizado de forma que possa atender as normas do rigor teórico definido pelas ciências sociais. Além disso, poderia o respeito pela evidência, a compreensão de contextos e cronologia, bem como as aspirações de ideias imaginativas e de esclarecimento eloquente demandados pelos estilos modernos da micro-história serem satisfatórios? Houve um grau suficiente de expectativas racionais (ou onda de fé) para lançar um programa de mestrado em História Global que o Departamento de História Econômica acredita ser academicamente respeitável e, até agora, uma bem-conceituada referência para professores e seus alunos.

2 ARGUMENTOS BÁSICOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA GLOBAL

Cinco anos após o lançamento do mestrado, a Escola de Economia de Londres e a Editora da Universidade de Cambridge patrocinaram a publicação de uma nova revista – a *Journal of Global History*. Fui convidado pelos editores para escrever um prolegômeno para a sua primeira edição e produzi um longo ensaio intitulado: *Historiographical Traditions and Modern Imperatives for the Restoration of Global History* (Tradições Historiográficas e Imperativos Modernos para a Restauração da História Global)¹⁰. Escrevi para encorajar a mim mesmo e um crescente corpo de historiadores encabeçando, colaborando ou cooptados ao empreendimento de transmissão da História Global, de modo que nossa inovação e “restauração” poderia ser justificada. Tentei fazer isso através de três, relacionados, mas, distintos, argumentos introdutórios.

⁹ LANDES, D. *The Wealth and Poverty of Nations*. New York: Little Brown, 1998 (N.T.: LANDES, D. A Riqueza e a Pobreza das Nações. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1998) e para uma eloquente exposição da visão alternativa baseada sobre uma gama extraordinária de experiências no pensamento da História Econômica, ler: REINERT, E. S. *How Rich Countries Got Rich and Why Poor Countries Stay Poor*. London: Constable, 2007.

¹⁰ O'BRIEN, P. K. *Historiographical traditions and modern imperatives for the restoration of global history*. *Journal of Global History*, vol.1, nº 1, 2006, pp. 3-40.



Primeiramente, eu me referi a observação de Nietzsche na qual “o conhecimento do passado sempre foi desejado a serviço do presente” e conclui que a difusão da História Global na educação básica e, acima de tudo, no ensino superior é praticamente “inevitável” nestes nossos tempos de acelerada globalização.

Em segundo lugar, usei uma analogia para representar a História Global como o anverso da nova nano ciência a qual é baseada em teorias e experimentos que acontecem no universo quando seus componentes básicos (moléculas, partículas e prótons, etc.) são reduzidos em átomos infinitamente menores. As escalas científicas caminham em direção ao minúsculo, mais e mais escalas históricas caminham para o global.

Em terceiro, e apesar das dificuldades em lidar com longas cronologias, espaços mais amplos e heterogeneidades culturais, uma série de publicações recentes de historiadores eminentes mostram que não há problemas insuperáveis ou particulares envolvidos no reposicionamento de perspectivas na interpretação da história para fora, para trás e para frente. Para citar alguns exemplos: todos os jovens pesquisadores em Austin, Texas, envolvidos em um esforço exemplar, liderado por Tony Hopkins para promover a História Global, não encontrou dificuldades em explorar interações e interconexões entre o “local” (que limita seus conhecimentos especializados) e o “universal”, que eles reconheceram como o contexto para a sua compreensão e comunicação mais ampla¹¹. Célebres biógrafos históricos têm percebido a nada incongruente exposição e contemplação do universal na vida dos indivíduos¹². Dois eminentes cientistas sociais (Jack Goody e John Hobson) experimentaram, sem problemas, inverter uma tradição da historiografia eurocêntrica, analisando o “Oriente no Ocidente”. Enquanto a inserção de relevantes experiências da Ásia (incluindo China) e Europa no atual, vivo e significativo debate sobre os Estados Unidos como um “império”, tem atraído intercâmbios heurísticos entre historiadores, cientistas políticos, sociólogos e especialistas em relações geopolíticas para o estudo comparativo de impérios¹³.

¹¹ HOPKINS, A. G. (ed.). *Global History: Interactions Between the Universal and the Local*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2006.

¹² DAVIS, N. Z. *Trickster Travels: In Search of Leo Africanus, a Sixteenth Century Muslim Between Worlds*. London: Faber, 2005; COLLEY, L. *The Ordeal of Elizabeth Marsh: A Woman in World History*. London: Harper Press, 2007, e CHAKRABARTY, D. *Provincializing Europe*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

¹³ CALHOUN, C. (ed.). *Lessons of Empire: Imperial Histories and American Power*. New York: New Press, 2006; FERGUSON, N. *Colossus: The Rise and Fall of the American Empire*. London: Allen Lane, 2004; MAIER, C. S. *Among Empires: American Ascendancy and its Predecessors*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2006.



Meu apelo geral para incluir mais História Global no ensino superior (porque é inevitável, politicamente necessário e não tão difícil de construir com o rigor necessário para atender os padrões estabelecidos pela ciência moderna em História e Ciências Sociais) leva-me a oferecer três posições para este ensaio: primeiro – globalização e História Global; segundo – abordagens e métodos para o seu estudo; e terceiro – imperativos morais para a restauração de um engajamento sério com o estudo da humanidade como um todo¹⁴.

Além disso, vários grandes temas que poderiam beneficiar perspectivas derivadas da História Global, já provocaram um debate sustentado através das Ciências Naturais e Sociais. Por exemplo, as Ciências Naturais (que reivindicaram a universalidade de suas teorias, métodos de investigação e recomendações) são intensamente interessados na rapidez e extensão da degradação ambiental¹⁵. A “rainha” das Ciências Sociais (Economia) está agora realmente tentando compreender as implicações que podem fluir a partir da cada vez mais estreita integração de mercados de bens, capital de trabalho e conhecimento¹⁶. Filósofos estão debatendo os significados que podem ser associados aos direitos humanos universais e noções de cidadania global¹⁷.

Em resumo, atrás de minhas propostas para apresentar um outro conjunto de argumentos em favor da História Global, estão questões contemporâneas ampla e altamente significativas em discussão em todo o mundo. Estas questões estão envolvendo redes de historiadores e dando origem a sérios debates historiográficos no ensino superior concernentes com os termos e parâmetros para o engajamento profissional com um campo que pode ser traçado desde Herodoto e Sima Qian. No entanto, a controvérsia sobre a sua condição também é abundante. As posições variam de todas as formas, do entusiasmo à total rejeição de todo o empreendimento intelectualmente insustentável, antipatriótico ou, mais frequentemente, de uma ordem moralmente maligna de dominação cultural pelo Ocidente¹⁸.

¹⁴ Estes imperativos morais são brilhantemente interrogados em: SOUTHGATE, B. *Why Bother with History?*. London: Longman, 2000.

¹⁵ McNEILL, J. *Something New Under the Sun: An Environmental History of the Twentieth Century*. London: Penguin Books, 2000. Ver também: CHRISTIAN, D. *Maps of Time: An Introduction to Big History*. Berkeley: University of California Press, 2004.

¹⁶ STIGLITZ, J. *Globalization and its Discontents*. London: Allen Lane, 2002.

¹⁷ CARTER, A. *The Political Theory of Global Citizenship*. Oxford: Oxford University Press, 2001; DALLMAYR, F.; ROSALES, J. M. (eds.). *Beyond Nationalism: Sovereignty and Citizenship*. Lanham: Lexington Books, 2001; MAZLISH, B. *Civilization and its Contents*. Stanford: Stanford University Press, 2004.

¹⁸ LAL, V. *The History of History: Politics and Scholarship in Modern India*. New Delhi: Oxford University Press, 2003.



3 HISTORICIZANDO A GLOBALIZAÇÃO.

3.1 (I) Algumas definições

Seja qual for o discurso sobre a História Global, a globalização continuará como o “leitmotiv” para os nossos tempos. Sem a extensão, intensificação e aceleração do antigo processo histórico de encontros, conexões, colonizações, integrações e transformações das sociedades humanas, que tem sido por milênios separadas pelo tempo e espaço, o atual interesse na difusão da História Global no sistema de ensino superior na Europa, África, Ásia e Américas, dificilmente teria ocorrido¹⁹.

3.2 (2) Estágios

Nunca é tarde para reagir as reivindicações de seus colegas nas Ciências Sociais que descobriram que representam claras discontinuidades com o passado, os historiadores têm historicizado o processo para revelar uma longa história surpreendentemente extensiva, as vezes intensiva e conexões mais ou menos interessantes que remontam as antigas civilizações na África, Ásia, Europa e nas Américas²⁰.

Como o falecido Andrew Sherratt (arqueólogo de Oxford) argumentou – a História das Conexões (selecionada como o motor da mudança histórica pelo nosso padrinho, William McNeill) é tão relevante para o seu campo quanto para o nosso²¹. “Globalização” (considerada como a inter-relação entre processos geopolíticos, políticos, sociais, econômicos, religiosos e culturais), de fato, corre como um fio através da história, mas pode ser demarcada (como os historiadores sempre fazem) por estágios heurísticos.

Uma possível definição foi elaborada da seguinte forma:

(a) globalização arcaica: abrange os séculos desde as antigas civilizações da Suméria, Babilônia, Egito, China, Grécia e Roma até a conquista de Ceuta pelos portugueses em 1415 – uma data que marca o início da exploração europeia e da expansão marítima;

¹⁹ Sobre estes processos nos informam: McNEILL, J. R.; McNEILL, W. H. *The Human Web: A Bird's Eye View of World History*. New York: Norton, 2003.

²⁰ DENEMARK, R. A. (et al). *World System History*. London: Routledge, 2000. A problemática dos estágios na História do Mundo é astutamente discutida por: SCHWENTKER, W. *Globalizing and the Science of History*. In: AKITA, S. (ed.). *Creating Global History from Asian Perspectives*. Osaka: Osaka University, 2007, pp. 9-27.

²¹ SHERRATT, A. *Reviving the grand narrative: archaeology and long term change*. *Journal of European Archaeology*, Vol. 3, nº 1, 1995, pp. 139-53.



(b) proto globalização: a qual fluiu a partir das famosas viagens de descoberta navegadas por Colombo, Da Gama e Magalhães (1492-1520), que alterou tanto a escala quanto os modos de conexão, do transporte terrestre para a via marítima comercial, realizada em barcos a vela – um estágio que durou de 1415 a 1840;

(c) globalização moderna (1846-1948): visto por Marx como liderada pela “burguesia através de sua exploração do mundo” e que deu um “caráter cosmopolita para a produção e consumo em todos os países”, – um estágio marcado pela penetração no interior de uma grandiosa inovação, a estrada de ferro, que foi promovida por uma ordem internacional de comércio independente e relações interestaduais mais pacíficas;

(d) globalização contemporânea (1948 em diante).

Estes estágios (como elaborado por Christopher Bayly, Tony Hopkins e pesquisadores afiliados ao sistema mundial da escola de sociologia histórica) não são caixas vazias de valor heurístico por que elas impelem os historiadores (i) a explorar a extensão, intensidade, velocidade e resultado das conexões ao longo do tempo; (ii) a analisar conexões dentro de cronologias relevantes e; (iii) a explorar as principais forças de mudança no mundo, sejam elas geopolíticas (guerras), políticas (estados), organizacionais (corporações multinacionais) ou capacidades tecnológicas (a Internet) para comunicação – incorporada em navios, aviões e mídias eletrônicas de comunicação. Em resumo, os historiadores investigam e analisam as forças ao longo dos grandes hiatos da história, movidas pelas proporções cada vez maiores das políticas mundiais, populações e sociedades de um “estágio” para o outro.

3.3 (3) Globalização contemporânea como uma profunda descontinuidade

Claramente, a globalização teve um tempo muito longo (mas longe da história linear) que pode ser dividido, para fins heurísticos, em fases. Pode muito bem ser nada de realmente novo sob o sol. No entanto, recentes escritos sobre a remota História das Conexões e todas as suas dimensões (geográficas, geopolítica, política, econômica, social e cultural) expõem uma inevitável conclusão. A “extensão”, “intensidade” e “velocidade” da globalização (como este antigo e ubíquo processo tem seguido recentemente – digamos desde a Independência da Índia, em 1948, e a fundação da República Popular da China, um ano mais tarde) representa uma profunda mudança “qualitativa” em relação ao passado. Sessenta anos depois destes famosos eventos que significaram o fim dos impérios europeus e de seu poder ultramarino, torna-se claro que estamos vivendo em uma nova época e passando por uma transição, pelo



menos, se não mais profunda, do que a transição do feudalismo para o capitalismo, do antigo para o moderno regime político e da agrária para a economia industrial²².

Os historiadores profissionais estão, pela formação e reflexão educacional, geralmente inclinados a descartar as reivindicações para as descontinuidades fundamentais. No entanto, a questão de meio século de guerra quente e fria (1939-1945 e 1947-1989) como uma conjuntura na História do Mundo, que vomitou múltiplos propulsores para a acelerada globalização, o que agora flui claramente, parece convincente, se não inevitável. Primeiro de tudo, os horrendos ataques as pessoas e seus bens pelos estados e suas forças armadas em quase todas as partes do globo, elevou o nível e a extensão das demandas por: instituições de governança global para proteger os direitos humanos; para a manutenção das condições pacíficas de comércio e conexões além-fronteiras dos estados que tinham, de mais a mais, aumentado substancialmente em número e qualidade como resultado do desmembramento dos impérios europeu e japonês na esteira da Segunda Guerra Mundial; pressões generalizadas por condições que poderiam promover a difusão do desenvolvimento econômico e bem-estar social; para a proteção do meio ambiente contra as não-intencionais mudanças científicas, tecnológicas, econômicas e demográficas; restrições quanto a proliferação de armas nucleares e de destruição em massa também tem sido intensificadas²³.

A maior parte do aumento na demanda para o reconhecimento e proteção dos direitos humanos, tem uma história intelectual que pode ser traçada através das grandes religiões do mundo, fundadas na Era Axial para os estoicos e confucionistas, de filosofias por volta dos tempos pagãos²⁴. Suas histórias como acordos diplomáticos e embrião de lei internacional apareceu durante o Renascimento. Na forma de instituições, associações e organizações que transcendem e operam fora das soberanias de seus Estados para a promoção humana, econômica e do bem-estar social (ainda que inadequadamente), eles aparecem no decorrer do século XIX e proliferam depois da fundação da Organização das Nações Unidas e da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948²⁵.

Enquanto isso, a Guerra Fria que acrescentou 23 milhões de mortes aos 80 milhões registrados pela primeira, verdadeiramente, guerra global da história (1939-1945) promoveu

²² Esta tese é exposta com brevidade e eloquência por MAZLISH, B. *The New Global History*. London: Routledge, 2006.

²³ BELL, P. M. H. *The World Since 1945: An International History*. London: Arnold, 2001.

²⁴ LAUREN, P. G. *The Evolution of International Human Rights: Visions Seen*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1998.

²⁵ CARTER, A. *Political Theory of Global Citizenship*. London/ New York: Routledge, 2006.



ativamente a pesquisa e desenvolvimento não apenas com gastos excessivos em armas, mas incidentalmente em sistemas de transporte e comunicação vastamente superior e eficiente do que qualquer coisa disponível durante o século da “moderna” globalização, depois de 1846. Os complexos industriais militares americanos e soviéticos também melhoraram grandemente as capacidades agrícolas, industriais e de serviços comerciais, em todas as partes do mundo, de produzir e vender mais em uma escala global. Finalmente, cerca de quatro décadas de competição amarga e perigosa entre as superpotências nucleares e suas organizações satélite competindo por lealdade e alianças, oferecendo diferentes pacotes de modernidades para estados e sociedades em todos os lugares ao redor do globo, têm promovido uma maior consciência de independência. Uma rivalidade ideológica infeliz e custosa introduziu uma maior consciência do universal em sentidos e preocupações locais e, desta forma, fortalece as forças exógenas e globalizantes²⁶.

Nas esferas unidas das relações intra-sociais, conexões econômicas e consciência cultural, a conjuntura de 1939-1989 impulsionou uma verdadeira descontinuidade transformacional na natureza, extensão e intensidade da globalização. Os historiadores que permanecem inclinados a sublinhar antecedentes e continuidades, fariam bem em refletir mais sobre as mudanças em comparação ao mundo de seus avós e ler alguma futurologia sobre onde seu próprio mundo poderia estar daqui a 50 anos²⁷.

A partir desta perspectiva e pela leitura sobre os estágios pré-arcaico, proto e moderno de globalização, eles poderiam desenhar uma conclusão didática que poderia ser uma complacente renúncia das responsabilidades políticas e morais do historiador profissional nesta conjuntura na história, falar em fazer espaço e alocar recursos e tempo para o estudo acadêmico das experiências passadas dos países, comunidades locais e indivíduos, como eles se tornaram, de boa vontade (ou muitas vezes involuntariamente) enredados em vastas unidades regionais, nacionais, imperiais, transnacionais e globais de operação, adaptação e interação. Para historiadores o desafio de nosso tempo é descobrir o que nós podemos encontrar lá fora nos registros históricos para nos ajudar a compreender tanto os efeitos “benignos” quanto os “malignos” do que agora se tornaram movimentos extremamente rápidos em direção a uma conexão mundial mais fechada. A História tem muito a contribuir

²⁶ REYNOLDS, D. *One World Divisible: A Global History Since 1945*. London: Penguin Books, 2000.

²⁷ HIRST, P.; THOMPSON, G. *Globalization in Question: The International Economy and the Possibilities of Governance*. Cambridge: Polity Press, 1996, sustentam a visão de continuidade.



com o discurso generalizado sobre como fazer a globalização trabalhar em benefício da humanidade²⁸.

3.4 (4) Argumentos prós e contras o engajamento dos historiadores com a globalização

Infelizmente, a questão da conversão para o campo da globalização tem sido feita por um engajamento mais sério com metanarrativas na História Global, contínuas para ir ao encontro dos idealisticamente baseados, mas por agora correspondendo a “rejeições anacrônicas”, e por outro lado eruditos, subgrupos pós-modernos e pós-coloniais de nossa tribo heterodoxa de historiadores. Em décadas recentes, e tomando como exemplo filósofos largamente influentes na França, Estados Unidos e Índia, opositores pós-modernos têm recomendado (para citar Lyotard) que as pessoas deveriam tratar todas as “metanarrativas com incredulidade”.

Para serem creditados, estes filósofos têm também se engajado em exercícios heurísticos desenvolvidos para “desestabilizar”, “relativizar” e “provincializar” todos os tipos de histórias tradicionais; para expor suas ambiguidades linguísticas, formas literárias, categorias fundamentais; e acima de tudo para revelar como o inescapavelmente centrado e inevitavelmente situado tenta de todas as formas recuperar a “Verdade”, o “Sentido” e as “Lições” do passado como realmente são²⁹.

Tendo vivido com, e através desta, particular “guerra cultural”, eu posso agora reconhecer estes catárticos benefícios. Eu também observo que lições têm sido absorvidas. Parece-me que um maior e mais prolongado engajamento com filósofos da história, volteios linguísticos e teoria literária tem percorrido um retorno decrescente. Da minha parte, eu vejo a tarefa de persuasão como um trabalho pesado, conservador ou, por outro lado, indiferente a profissão dos historiadores para tornarem-se engajados com a História Global e muito mais importante para o futuro de nossa disciplina tanto quanto urgente para os problemas deste século.

Enquanto isso, aqueles de nós que estão engajados com o gênero, poderiam considerar ataques em seu programa, para criar, refinar e publicar mais, inclusive metanarrativas para os

²⁸ SCHOLTE, J. A. *Globalization: A Critical Introduction*. Basingstoke: Macmillan, 2000.

²⁹ Minha própria revisão da, e meditação sobre a, controvérsia com o pós-modernismo, pode ser lida em: O'BRIEN, P. K. *An Engagement with Post Modern Foes, Literary Theorists and Friends on the Borders with History*. *Reviews in History*, vol. 1, nº 1, 1998. Disponível em: <<http://www.history.ac.uk/ihr/Focus/Whatishistory/obrien.html>>.



nossos tempos, como: antipatias ideologicamente situadas contra representações caricaturadas da recente história da globalização – e, para ser franco, quanto a uma crença arraigada no pecado original que pressupõe que todas as metanarrativas dos historiadores ocidentais sempre serão tendenciosas, exclusivas ou opressivamente anacrônicas.

Os historiadores deveriam rejeitar a alegação espúria de que a História Global empresta suporte implícito para reivindicações neoliberais e neoconservadoras para “resultados progressivos” (atuais e potenciais) de todo o passado e predição de tendências rumo a integração global. De maneira nenhuma, nossa agora extensa bibliografia de histórias que analisam registros e interações entre o local e o global consegue lidar com os efeitos malignos e benignos de conexões através do tempo e do espaço³⁰.

Além disso, nem os historiadores econômicos (nem um crescente corpo de economistas) são a mais tempo escravos das previsões ricardianas de que a abertura dos fluxos de comércio, capital e trabalho levarão a economia a crescer junto com uma maior uma maior igualdade na distribuição da riqueza mundial³¹. Nossos colegas na história política e ciência política parecem agudamente conscientes de que a formação de um Estado soberano, autônomo e efetivo para proteger seus cidadãos das conexões irregulares com o resto do mundo tem sido historicamente um processo prolongado e complexo – facilmente tirado do curso pelos descuidados e descontrolados envolvimento com poderosas forças geopolíticas, econômicas e culturais, originadas além destas porosas e vulneráveis fronteiras do embrião dos impérios, reinos e repúblicas³².

Para retornar à nossa própria tribo de historiadores: a minha, infelizmente, superficial pesquisa da historiografia da: China, Índia, Japão, Mundo Islâmico e Europa, revela que, por milênios, historiadores de todas as civilizações têm sido mais ou menos envolvidos com o problema universal de como reconciliar “pacotes de modernidade” em oferta para fora de suas

³⁰ Esta bibliografia incluída em *Navigating World History*, de Patrick Manning, é atualizada por pelo menos três revistas: *The Journal of World History*, *The Journal of Global History* e *The Bulletin of the World History Association*, publicado pela Universidade do Havaí.

³¹ KRUGMAN, P. R. *Development Geography and Economic Theory*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995, e STIGLITZ, J. *Making Globalization Work*. London: Allen Lane, 2006.

³² A bibliografia que levanta debates entre cientistas sociais é bem representada por: GUILLEN, M. F. *Is Globalization, Civilizing Destructive or Feeble? Five Key Debates in the Social Science Literature*. Annual Review of Sociology, vol. 21, 2001, pp. 235-60. Para considerações de um economista, ver: RODRIK, D. *Has Globalization Gone Too Far?*. Washington: Institute for International Economics, 1997.



comunidades, políticas e impérios, com tradições indígenas e valores que eles e suas sociedades, corretamente, desejam preservar³³.

Não tem sido uma preocupação central da antiga tradição historiográfica mundial? Mesmo antes e desde Liang Qichao escrever seus famosos ensaios de 1902 sobre a “Nova Historiografia”, algumas das melhores mentes na História Chinesa (incluindo: Fu Sinian, Chen Yinke, Fan Wenland, Zhang Taiyan e posteriormente: Wang Lincong, Ma Keyao, Wu Yuqin, Qi Shirong, Yu Pei e Liu Beiching) têm e continuam relacionadas com o eterno problema do que é particular e o que tem sido de significado universal na história de um império que durou três milênios. Infelizmente, eu careço de referências linguísticas e eruditas para participar seriamente deste debate em curso.

A partir de minha própria perspectiva como historiador que sou, juntamente com outros no Ocidente, tentando compreender a complexa história da China, eu posso reconhecer longos períodos no passado quando o império serviu como modelo universal para o progresso econômico, social, científico e tecnológico. Hoje, quando o povo chinês está abraçando a modernidade mais entusiasticamente e rapidamente que antes, historiadores chineses compreensivamente preocupados em preservar o melhor de suas sociedades tradicionais e identidades. Na verdade, todas as nações deveriam manter vivas suas próprias particularidades, mas ao mesmo tempo passar lições históricas e qualidades culturais duradouras que podem ser essenciais para o bem-estar da humanidade. Nem o leste nem o oeste tem ou pode progredir sem tomar emprestado do outro. Em sua longa história, tem havido um recente, mas breve, interlúdio de “sim, vamos chamá-lo declínio”, mas a extraordinária extensão do império da história exemplifica não só o progresso material, mas antigas virtudes de paz, ordem e harmonia as quais precisam ser estudadas e integradas em nossas grandes narrativas para uma História Global da humanidade³⁴.

Muitos poucos historiadores de hoje (na verdade, apenas uma minoria de nossos agora infames predecessores “eurocêntricos”) emprestou apoio inequívoco ao que tem sido representado como “genocídio cultural”, tem agido como “uma quinta coluna para valores

³³ O'BRIEN, P. *Historiographical traditions and modern imperatives for the restoration of global history*. Journal of Global History, vol. 1, mar. 2006, pp. 3-39. Ver também uma excelente análise da historiografia chinesa que reforça este ponto: WEIGELIN-SCHWIEDRZIK, S. *World History and Chinese History: 20th Century Chinese Historiography Between Universality and Particularity*. Osaka University Global History and Maritime Asia Working and Discussion Paper Series, vol. 5, 2007, pp. 1-18.

³⁴ WEIGELIN-SCHWIEDRZIK, S. *World History and Chinese History*. Osaka University Global History and Maritime Asia Working Paper, vol. 5, 2007. Ver também: WANG, Edward. *Inventing China Through History*. New York: State University of New York Press, 2001.



ocidentais” ou usado a história para apoiar um “consenso de Washington”. Nós não estamos, enfaticamente, querendo dizer que a única história que eles “tem que se interessar é a história de outras pessoas”³⁵.

As metanarrativas provavelmente permanecerão, em alguns sentidos, inevitavelmente ocidentais. Mas histórias centradas nunca foram um monopólio dos europeus³⁶. Além disso, houveram vários autores clássicos (Heródoto é apenas um deles) e tradições (Cristandade Medieval, o Iluminismo e o período após as devastações da Primeira Grande Guerra, 1914-18) quando histórias cosmopolitas pareciam contradizer, qualificar e questionar uma tradição eurocêntrica dominante, partindo de Hegel até chegar em Lynn Cheney, o auto-denominado guardião dos valores americanos dos livros escolares usados nos Estados Unidos³⁷.

A História Global nos ensina a reconhecer que houve um período relativamente curto (três séculos, não muito mais) de hegemonia Ocidental geopolítica, científica e tecnológica, quando toda a tradição historiográfica (incluindo as tradições separáveis das nações europeias) foi exaltada, rejeitada ou adaptada a pacotes de modernidades alienígenas em oferta fora de suas próprias, mais ou menos isoladas, fronteiras e culturas.

Muitos historiadores vão se surpreender quando lerem estas eloquentes objeções a qualquer tipo de engajamento com a História Global por parte de pós-coloniais, subalternos e outros teóricos pós-modernos, se seus autores não têm nada pronto no nosso campo desde que John Roberts publicou *Triumph of the West* e Eric Jones escreveu *The European Miracle* no início da década de 1980³⁸. É claro, estes livros continuam a serem vendidos e, o que é mais perigoso, a aparecer na televisão, cujos *gatekeepers* (até que sejam substituídos por re-educados e mais jovens graduados em humanidades) persistem em comunicar histórias que servem aos patriotismos (xenofobias) dos públicos em busca de identidades nacionais

³⁵ O sabor destes estimulantes ataques e citáveis polêmicas contra as perceptíveis “pretensões” dos historiadores globais no esforço de construir metanarrativas para o gênero pode ser observada em ensaios de Arif Dirlik e Vinay Lal em duas coleções de artigos historiográficos editados por: STUCHTEY, B.; FUCHS, E. *Writing World History*. Oxford: Oxford University Press, 2000, e STUCHTEY, B.; FUCHS, E. *Across Cultural Borders: Historiography in Global Perspective*. Lanham: Rowman and Littlefield, 2002.

³⁶ CHAKRABARTY, D. *Provincializing Europe*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2000, retém uma profunda antipatia das traduções interculturais de categorias fundamentais usadas para análise histórica que inevitavelmente e indubitavelmente trazem de volta a biografia como o único gênero da história que é virtualmente livre dos preconceitos eurocêntricos. Ver também: SMITH, L. T. *Decolonizing Methodologies*. Dunedin: University of Otago Press, 1999.

³⁷ BENTLEY, J. *Myths, wages and some moral implications of world history*. *Journal of World History*, vol. 16, nº 1, 2005, pp. 51-82.

³⁸ BLAUT, J. *The Colonizer's Model of the World: Geographical Diffusionism and Eurocentric History*. London: Guilford Press, 1993, examina a fase inicial de tentativas de reviver a História Global na academia Ocidental.



estritamente concebidas. Felizmente, esses livros estão cada vez sujeitos à crítica profissional para: tendência centralizadora, por ignorância das histórias da China, Índia, Japão, África e outros “cognoscíveis” e por dependência, das agora obsoletas, mas antes canônicas, autoridades e categorias fundamentais (geralmente derivadas de Smith, Marx e Weber) subjacentes a suas narrativas³⁹. Seguramente, os dias em que as insípidas incursões eurocêntricas para a História do Mundo poderiam ser tratadas como conhecimento estão rapidamente desaparecendo?

Além disso, e uma vez que a maioria dos historiadores acadêmicos tendem a ser localizados em departamentos de especialistas, brigando por espaço e reconhecimento, as exclusões de quaisquer “povos sem história” ou ampla gama de atividades humanas (triviais, no entanto) já não são um perigo com o qual a polícia do pensamento filosófico precisa se preocupar⁴⁰. Que tudo e todos tem uma história tem se tornado uma presunção consensual da história moderna. O problema não são as exclusões, mas as proliferações. Como melhor integrar nosso crescente e mais profundo conhecimento histórico do mundo em narrativas que as elites educadas, políticos e mesmo *gatekeepers* dos meios de comunicação de massa, poderiam ler, absorver e comunicar, é o real problema. Os historiadores não precisam confrontar Hegel, revisar Marx, censurar Weber ou provincializar a Europa. Aqueles no circuito sabem que deveriam ser mais heurísticos para se engajar em debates sobre o que incluir e excluir das narrativas que visam informes globais tanto quanto as histórias nacionais? Eles sabem que de pesquisadores e intelectuais no ensino superior não se engajarem diretamente (ou indiretamente, pela tolerância e apoio) na construção de novas metanarrativas cosmopolitas, depois, outros, menos educados, qualificados e sensíveis, continuarão a assumir este desafio e (como eles tem feito por séculos) escrever livros para escolas (o que é talvez mais pernicioso), televisionar histórias na forma de crônicas teleológicas projetadas para reforçar aos povos seus muito próprios conjunto de valores consagrados nos cânones cristãos, muçulmanos, hindus, confucianos e outros textos sagrados; dar credibilidade às suas próprias premissas estabelecidas, em favor de formas particulares de governo e argumentos ideológicos de apoio a economias baseadas tanto sobre a irrestrrição privada e empresarial ou

³⁹ Ver o prolongado e iluminado debate entre Landes, seus críticos e apoiadores. Em seguida, a publicação de seu *best-seller*: LANDES, D. *The Wealth and Poverty of Nations: Why Some Are So Rich and Some So Poor*. New York: W. W. Norton & Company, 1999 (N.T.: LANDES, D. A Riqueza e a Pobreza das Nações. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1998).

⁴⁰ WOLF, E. *Europe and the People Without History*. Berkeley: University of California Press, 1982.



sobre sistemas de comando baseados em preceitos stalinistas para a alocação de recursos, renda e riqueza⁴¹.

Enquanto isso, caminhos novos e plurais para compreender a História do Mundo e melhores categorias fundamentais para a sua reconstrução continua a emanar das Ciências, Filosofia e Ciências Sociais, que estão ampliando-se para incorporar saberes do Oriente. Vamos reconhecer, contudo, que a proveniência e lugares de nascimento de intelectuais do porte de Montesquieu, Hume, Voltaire, Smith, Malthus, Hegel, St. Simon, Marx, Comte, Mill, Durkheim e Weber não faz *a priori* invalidar muitos de seus conhecimentos, eles continuam a contribuir com os historiadores na reconstrução do passado – mesmo o passado das sociedades e culturas de fora da Europa. Suas representações de “outras culturas” são todas muito facilmente parodiadas como imperial ou eurocêntrica⁴². Os conceitos ocidentais, categorias e teorias, têm, no entanto, evoluído, ao longo do tempo, no contexto das Ciências Sociais, no qual: a propriedade do Ocidente não é mais importante que as contribuições derivadas da medicina chinesa, que a flexibilidade da lei charia ou do que a arte africana, estas também são propriedades de qualquer cultura oriental⁴³.

As Ciências Sociais modernas (incluindo a Economia) não são mais baseadas em singulares paradigmas abrangentes. Em vez disso, elas oferecem uma competição infinita de teorias, taxonomias e vocabulários para o estudo da História. A própria História tem se tornado mais aberta do que nunca para formas alternativas de acesso, conhecimento e compreensão do passado através da memória, testemunhos orais, artefatos, canções⁴⁴, dança, ritual, bem como fontes impressas de todos os tipos. Desde que as interferências esboçadas a partir destas diversas formas de evidência são submetidas aos mesmos testes teóricos e empíricos que os historiadores são treinados para aplicar todas as formas de conhecimento do passado, então tais formas podem muito bem ser Bengali, Manchu, Maori ou qualquer outra forma tradicional para a recuperação do sentido⁴⁵. Muitos historiadores não assumem que formas “indígenas” de compreender o passado são, necessariamente, inferiores ou superiores às Ciências Naturais e Sociais do Ocidente. No entanto, eles também sabem que tradições

⁴¹ HENDRICK, C. *The Ethics of World History*. Journal of World History, vol. 16, nº 1, 2005, pp. 83-98.

⁴² LAL, V. *The History of History: Politics and Scholarship in Modern India*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 2005.

⁴³ LAL, V. *The Globalization of Modern Knowledge Systems: Governance, Ecology and Future Epistemologies*. Emergencies, vol. 9, nº 1, 1999, pp. 79-103, e seu *History of History* (N.T.: *op. cit.*).

⁴⁴ N.T.: *ballads* no original.

⁴⁵ SMITH, L. T. *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples*. London/ New York: Zed Books Ltd., 1999.



populares podem ser consideradas tanto como potencialmente irracionais, perigosas e malignas, quanto úteis e proveitosas para a construção de identidades locais, juntamente com o sentido de cidadania global⁴⁶.

O problema básico com a História, como é ensinada nos sistemas de ensino em todo o mundo, é que grande parte do tempo de nossos colegas (financiados pelos contribuintes) é dedicado a servir as necessidades locais e nacionais de suas próprias comunidades.

4 ABORDAGENS, MÉTODOS COMPARATIVOS E CONEXÕES

Como um novo campo de estudos com forte potencial para fazer seu caminho, infelizmente muito gradualmente dentro do ensino superior, a História Global tem se interessado nestes últimos anos com seu próprio escopo, escala e métodos. O texto de Patrick Manning, *Navigating World History*, bem como inúmeros artigos no *Journal World History* e no *Bulletin of the World History Association*, lidam com as particularidades do campo historiográfico e testemunham problemas para sua recente preocupação com métodos.

No entanto, e até eles ficarem sob um contínuo ataque de seus oponentes que afirmam que todas as metanarrativas são uma forma de opressão, os historiadores globais partilham muito pouco de seus preciosos tempos de pesquisa ou reservam espaços em seus currículos para discussão metodológica. Eles deixam estas tarefas para os historiógrafos e filósofos. Eles tendem a ignorar prescrições de pessoas de fora em favor de simples abordagens, distinguidas entre comparações e conexões. Para falar sobre qualquer subcampo particular de um assunto em evidência, os historiadores preferem citar exemplos de seus próprios gêneros especializados – seja ele cultural, familiar, demográfico, diplomático ou outras formas de história, algo que (como a História Econômica) esteja relacionado às Ciências Sociais.

A maioria dos historiadores globais não têm, contudo, formado laços estreitos com nenhuma ciência social em particular. Embora muitos deles provavelmente consultem e usem a Antropologia Cultural e a Economia em detrimento de outras disciplinas correlatas. Uma crescente minoria que é acusada de produzir a prometida síntese entre a História Natural e

⁴⁶ HANLON, R. O.; WASHBROOK, D. *After Orientalism: Culture, Criticism and Politics in the Third World*. Comparative Studies in Society and History, vol. 34, n° 1, 1992, pp. 141-67. Ver também: WIEBE, R. H. *Who are We? A History of Popular Nationalism*. Princeton: Princeton University Press, 2002.



Cultural tem claramente digerido uma grande parte da “popularizada” ciência natural, que é atualmente o provável curso das formas acessíveis aos historiadores⁴⁷.

Muito da discussão sobre a História Global, que tem um caráter metodológico, se faz com o uso de metáforas, exaltando os benefícios dos amplos panoramas do espaço, paraquedas e arranha-céus; dizem os historiadores que pensam mais sobre Arquitetura do que em prédios, e muito menos em tijolos; recomendam uma fuga dos interesses particulares, locais e, acima de tudo, proclamam em favor de um movimento em direção a um engajamento com problemas universais como a degradação do meio ambiente, direitos humanos, pobreza, gênero, saúde, bem-estar e vida material.

A maioria dos historiadores estão agora começando a entender porque a atribuição de mais espaço para a História Global é desejável e apreciada, pois o campo poderia ser tanto heurístico para seus estudantes quanto unificador para uma possível “associação” de pesquisadores que o adotam. O que continua sendo difícil de descobrir é um conjunto de diretrizes aceitáveis (não metodologias) sobre a melhor forma de proceder. Em resumo, como passaremos de exortações e metáforas para métodos. Pessoalmente, eu não encontro os problemas epistemológicos envolvidos mais difíceis do que aqueles encontrados nas histórias escritas da Europa ou América Latina. Tais problemas vão, eu suspeito, ser resolvidos (não solucionados) pelo aparecimento de um impressionante fluxo de exemplos de gênero.

Enquanto isso, o que deveria ser repellido são as pressões daqueles com anos de conhecimento e interesse investido no estudo de uma área, que sugerem que “nômades” sem passaporte ou referências sejam desencorajados a se aventurar dentro de “seu” território, no intuito de reiterar “seu” conhecimento em contextos globais. Infelizmente, esta atitude é ainda predominante (bem como a mais famosa face) no Orientalismo Ocidental e deve ser ignorada. A Pérsia não é (como opinou a grande orientalista Ann Lambton) acessível somente para pesquisadores reais da antiga e complexa civilização. Sim, as referências requeridas para entrar em qualquer novo território deveriam envolver um sério engajamento com a melhor literatura secundária, esperançosamente abundante e disponível em linguagens que nós possamos ler. Além disso, os interesses e novas perspectivas que nós afirmamos que virão da História Global, deveriam ser boas o bastante para ser potencialmente publicadas em jornais especializados para áreas que nós usamos como estudos de caso. Para ajudar-nos ao longo do

⁴⁷ CHRISTIAN, D. *Maps of Time: An Introduction to Big History*. Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California Press, 2004.



percurso, o *Journal of Asian Studies* pode (por exemplo) começar a solicitar tentativas de comparação entre as histórias chinesa e europeia. Periódicos sobre história japonesa pode também receber artigos que situam o Japão em contextos asiáticos e europeus mais amplos. Os métodos e tradições do conhecimento de histórias imperiais, econômicas e transnacionais são claramente úteis. Descobrir e sintetizar o local no global e o global no local claramente também incorre em importantes contribuições⁴⁸.

5 MORAL E IMPERATIVOS POLÍTICOS PARA A RESTAURAÇÃO DA HISTÓRIA GLOBAL

Uma vez que a tradição historiográfica de tentativas de separar seu papel moral e o poder para instruir em favor do projeto historicista utópico de Van Ranke para recuperar a Verdade do passado teve curta duração e é agora reconhecido como falho, não seria hora de voltar aos ideais de construção de “Narrativas do Iluminismo” (*Narratives of Enlightenment*) para esses nossos excitantes, mas perigosos, tempos de acelerada globalização⁴⁹.

Com seu compromisso para a inclusão e com os parâmetros de longas cronologias e amplos espaços, a História Global representa um desafio para todos aqueles que continuam a reivindicar primazia para a civilização Ocidental ao longo de todas as suas múltiplas dimensões. O efêmero sucesso geopolítico e tecnológico do Ocidente (ou mesmo da canção chinesa) nunca incorporou nenhum tipo de superioridade moral. Somente alguns poucos historiadores tem reivindicado que eles o fizeram. Os historiadores globais procuram seguir as recomendações de Herodoto para “preservar a memória do passado colocando no registro dos empreendimentos surpreendentes de nós mesmos e dos povos asiáticos”⁵⁰. Podemos, nesse nosso século XXI, esperançosamente restringir aos “historiógrafos” milênios de escrita histórica que foi basicamente confessional, providencial e cêntrico e que implicitamente, e frequentemente de forma explícita, proclamou a superioridade de uma civilização em particular (seja ela egípcia, helenística, cristã, muçulmana, bizantina, hindu, confuciana ou

⁴⁸ HOPKINS, A.G. *Global History: Interactions between the Universal and the Local*. London: Palgrave Macmillan, 2006, e eu recorde com satisfação que um dos apoiadores do seminário I inaugurado no *Institute of Historical Research* foi o então diretor da *Victoria County History* da região da Inglaterra e País de Gales.

⁴⁹ O'BRIEN, K. *Narratives of Enlightenment: Cosmopolitan History from Voltaire to Gibbon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. Para narrativas na historiografia alemã, ver: OSTERHAMMEL, J. *Approaches to Global History and the Question of the Civilizing Mission*. Osaka University Global History and Maritime Asia Working and Discussion Papers, vol. 3, 2006, pp. 1-29.

⁵⁰ EVANS, J. *Herodotus: Explorer of the Past*. Princeton: Princeton University Press, 1991, p. 67.



ocidental). Nossa missão para o terceiro milênio é citar nosso padrinho moderno (William McNeill), é escrever e comunicar “histórias ecumênicas”⁵¹.

Essas ideias deveriam ser projetadas para dar espaço à diversidade global em toda a sua complexidade e proporcionar reconhecimento adequado à agência humana (incluindo a agência das mulheres). É claro, suas metanarrativas permanecerão inevitavelmente provisórias e negociáveis. Mas, quanto mais e mais historiadores profissionais do sistema de ensino superior de todas as partes do mundo (não só da Europa e Estados Unidos ou de diásporas de acadêmicos asiáticos) a ver como seu papel público para revelar o universal no pessoal; o global no local; bem como as conexões recíprocas entre o leste e o oeste, norte e sul; então fluxos de pesquisas relevantes de todos os estilos de história fornecer peças para a próxima geração de Hodgsons, McNeills e Braudels, construir melhores metanarrativas do que estas que agora são oferecidas nestes nossos ilustres predecessores⁵².

No debate muito menos acadêmico que envolve a competição pela atenção popular, pode e se restringem as miopias nacionalistas de políticos e elites no controle dos meios de comunicação para a comunicação da História. Os historiadores são, no entanto, realistas e reconhecem que mesmo quando isso começa a acontecer, o embargo de pessoas de todos os lugares a suas próprias instituições, celebridades, heróis, comunidades, etnias e religiões, bem como a mitos que alimentam mais tipos malignos de chauvinismos e fundamentalismos continuarão a permanecer extremamente fortes e não facilmente enfraquecidos pela educação não muito mais ampla que as histórias nacionais e provinciais que nós todos absorvemos na escola.

No entanto, e embora se mostre como uma tarefa difícil, a História Global parece ser tanto uma tarefa inevitável quanto um sonho nobre para os departamentos de história abraçar. Passos em direção a realização dos campos de missão poderiam levar eventualmente a uma melhor compreensão do passado de nosso extenso mundo conectado. Por extensão, que poderia muito bem contribuir para a consciência, pressões e instituições atualmente em construção e em operação para cidadãos em uma sociedade civil global.

⁵¹ McNEILL, W. *The Rise of the West after Twenty Five Years*. Journal of World History, vol. 1, nº 1, 1990, pp. 1-21.

⁵² HOD GSON, M. G. S. *Rethinking World History: Essays on Europe, Islam and World History* (ed. Edmund Burke III). Cambridge: Cambridge University Press, 1993; BRAUDEL, F. *Civilization and Capitalism*. 3 vols. London: Collins, 1984-85 (N.T: BRAUDEL, F. *Civilização Material, Economia e Capitalismo*. 3 vols. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 1995); McNEILL, W. *Mythistory and Other Essays*. Chicago: Chicago University Press, 1986.



Como a globalização continua a acelerar tal sociedade, não é mais vista como um paradoxo impossível de prever e dificilmente sobre uma prancheta, muito menos definida como um lugar para debates intelectuais sérios de construção societal e para a formação de instituições de governança global. Como um ideal utópico ela pode ser traçada como um retorno através de uma longa e ilustre linha de filósofos até Mencius no Oriente e até as admoestações dos estoicos no Ocidente.

Seus ideais de especificação, promoção, e quando possível, proteção dos direitos humanos básicos para pessoas de todas as partes contra a violência, doença, fome, discriminação, desastres naturais etc., começam a ser difundidos, mas de formas institucionais e transnacionais (congressos, redes globais, sociedades internacionais, associações cosmopolitas (embora as corporações empresariais multinacionais tenham nascido para o lucro), durante o século XIX.

Ao longo do tempo, tais instituições ampliaram sua gama de missões para incluir mais objetivos e povos cujas necessidades básicas, direitos e desejos pareciam ser negligenciados, mal atendidos ou mesmo ameaçados pelos estados sob cuja soberania e jurisdição eles residiam⁵³.

No despertar da: profunda conjuntura histórica das guerras quente e fria (1939-89) que testemunharam barbaridades extensas e sem precedentes; do rápido surgimento de um grande número de estados descolonizados reivindicando a soberania sobre a vida de seus povos; e a difusão de tecnologias avançadas para o transporte rápido e para comunicações orais e visuais instantâneas; espaços políticos para a proliferação de instituições que trabalham com as necessidades e desejos em evolução da humanidade têm se aberto e expandido⁵⁴. Hoje existem literalmente milhares de instituições globais. Suas preocupações e serviços fornecidos como bens públicos ou vendidos como mercadorias por corporações empresariais tocam e influenciam a vida de uma sempre crescente proporção das populações mundiais⁵⁵. Estas instituições concebem às suas missões operacionais preocupações e interesses não limitados

⁵³ CHOLTE, J. A. *Globalization: A Critical Introduction*. London: Macmillan, 2000.

⁵⁴ BELL, P. M. H. *The World Since 1945: An International History*. London/ New York: Bloomsbury Academic, 2001. Ver também: REYNOLDS, D. *One World Divisible: A Global History Since 1945 (The Global Century Series)*. London/ New York: W. W. Norton & Company, 2000.

⁵⁵ MAZLISH, B. *The New Global History*. New York: Routledge, 2006.



por fronteiras. Mais frequentemente, eles não operam em aliança tácita ou ativa com estados soberanos e as vezes em oposição com as políticas de governos e autoridades locais⁵⁶.

Muitas (inclusive corporações internacionais) representam as suas missões morais em termos de preocupações com a humanidade como um todo e se referem à Declaração Universal dos Direitos Humanos, como foi promulgada pelas Nações Unidas, em 1948, reafirmada em Viena, em 1993, e reconhecida pela fundação de Cortes Internacionais para assegurar políticos e seus agentes responsáveis por crimes contra a humanidade⁵⁷. Instituições politicamente globais conseguem mandatos para suas operações e atividades através de alegações (por vezes espúrias, muitas vezes superficiais, mas geralmente plausíveis) de que elas estão cumprindo demandas para o bem-estar humano, de acordo com aqueles interesses percebidos e formulados por elas.

Os historiadores têm lido e pesquisado mais profundamente do que pesquisadores de outras disciplinas acadêmicas no longo e complexo processo da formação do Estado, da evolução e consolidação de identidades pessoais e culturais por trás das sociedades civis vistas como estáveis e mais ou menos bem-sucedidas. Eles reconhecem que, de diversas formas, a pleora das instituições agora oferecendo bens públicos e até mesmo vendendo bens e serviços privados em uma escala global são os análogos de instituições que ajudaram a formar dinâmicas, sociedades nacionais, economias, culturas e estados durante séculos. Eles também recordarão as tensões e resistência deste processo que conheceu investimento, interesses políticos e econômicos, religiões paroquiais e culturas locais bem como antipatias pessoais em relação ao alargamento de contextos da vida econômica, social, política e familiar. Sua compreensão dos ganhos, perdas e violência envolvidos nesta prolongada história de construção da nação, lhes permitirá reconhecer que a acelerada globalização de nossos tempos está nos levando, mas lentamente, em direção a alguma forma de sociedade civil global. O poder está mudando para longe dos Estados soberanos. Embora a comunicação, política e fundamentalismo religioso estejam ainda onipresentes como reações perigosas⁵⁸.

⁵⁶ CRAWFORD, N.C. *Organization and Change in World Politics: Ethics, Decolonization and Humanitarian Intervention*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

⁵⁷ CARTER, A. *Political Theory of Global Citizenship*. New York: Routledge, 2006.

⁵⁸ DALLMAYR, F.; ROSALES, J. M. (eds.). *Beyond Nationalism?*. Lanham: Lexington Books, 2001.



Culturas locais estão se fundindo, adaptando-se, sobrevivendo e contribuindo com tendências universalizantes⁵⁹. Intelectuais das ciências, ciências sociais e humanidades estão explorando os tipos de educação que poderiam prejudicar uma cultura para a cidadania global e para as instituições que poderiam fomentar o desenvolvimento de algum tipo de sociedade civil global⁶⁰.

A História contém conhecimento que é politicamente, economicamente e culturalmente significativo para o grande debate de nossos tempos. Não porque, como Ranke esperava, o sujeito poderia recuperar a verdade e evidência cientificamente válida sobre o passado, mas porque uma compreensão histórica dos processos políticos e sociais envolvidos pode ser aguda e útil. O momento deveria ser agarrado, porque historiadores sem propósitos ou programas nunca existiram. Sim, distanciamento irônico e atenção cuidadosa às evidências são virtudes a serem cultivadas pelos historiadores que desejam permanecer intelectualmente persuasivos. Mas, também são a construção e a reconfiguração de metanarrativas que educarão o público, apelam para os jovens e servem as necessidades de nossos tempos no sentido de cidadania global. Esta tarefa poderia bem reviver o melhor de uma tradição áurea em meio a uma profissão rabugenta de acadêmicos pós-modernos, seguindo seus próprios riscos e programas auto-definidos.

Qualquer coisa a menos poderia ser tolice ou insensatez, como Bolingbroke antecipou, poderia ser remediado “pelo estudo histórico que deveria purgar a mente de... parcialidades e preconceitos. Para um homem sábio olhar para si mesmo como um cidadão do mundo”⁶¹.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

O'BRIEN, Patrick. *Global History for Global Citizenship*. Global History and Maritime Asia Working and Discussion Paper Series, **Working Paper** n° 7, 2008, pp. 01-16.

_____. *Global History for Global Citizenship by Patrick Karl O'Brien: A Summary*.

Global History [blog], 07 out. 2010. Disponível em:

<<https://globalhistoryatlse.wordpress.com/2010/10/07/global-history-for-global-citizenship-by-patrick-karl-obrien-a-summary/>> Acesso em: 20 jan. 2016.

⁵⁹ HOPKINS, A.G. *Global History: Interactions between the Universal and the Local*. London: Palgrave Macmillan, 2006. Ver também: JONES, E. L. *Cultures Merging: A Historical and Economic Critique of Culture*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

⁶⁰ ALBROW, M. *The Global Age: State and Society Beyond Modernity*. Cambridge: Polity Press, 1996.

⁶¹ SOUTHGATE, B. C. *Why Bother with History?: Ancient, Modern and Postmodern Motivations*. Essex: Pearson Education Limited, 2000, p. 163.



_____. **Global History. Making History** [*site*], s/d. Disponível em:
<http://www.history.ac.uk/makinghistory/resources/articles/global_history.html> Acesso em:
19 jan. 2016.

_____. **Global History for Global Citizenship: Why university students must study
Global History.** s.n.t., pp. 01-33.